

O Cavaleiro da Balçia

The Whale Rider



*Livro para ser Livre*



# A Encantadora de Balzeias



Witi Ihimaera

tradução de Roberto Cattani  
e Katia Maria Bortoluzzi



Barang Editora  
São Paulo - 2012

Copyright © Witi Ihimaera, 1987

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida em qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer armazenamento de informação, e sistema de cópia, sem permissão escrita do editor.

Direção editorial: Júlia Bárány

Edição, preparação e revisão de texto: Barany Editora

Projeto gráfico e diagramação: Barany Editora

Capa: Emília Albano

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ihimaera, Witi.

A encantadora de baleias / Witi Ihimaera : tradução Roberto Cattani e Katia Maria Bortoluzzi

-- São Paulo: Barany Editora, 2012.

ISBN: 978-85-61080-18-?

1. romance, literatura estrangeira. I. Título

xx-xxxxx

CDD - xxx.x

---

Índice para Catálogo Sistemático:

1.

Todos os direitos desta edição reservados à

Barany Editora © 2012

São Paulo - SP - Brasil

contato@baranyeditora.com.br



*Livro para Ser Livre*

[www.baranyeditora.com.br](http://www.baranyeditora.com.br)



Para Jessica Kiri e Olivia Ata,  
as melhores meninas de todo esse amplo mundo

Esta história está ambientada em Whangara, na Costa Leste da Nova Zelândia, onde Paikea é o ancestral *tipuna*. Porém, a história, as pessoas e os acontecimentos descritos são inteiramente ficcionais e não foram baseados em nenhuma pessoa de Whangara.

*He tohu aroha ki a Whangara me nga uri o Paikea.*

Agradeço também a Julia Keelan, Caroline Haapu e Hekia Parata por seu conselho e ajuda.





# Conteúdo



prólogo  
a vinda de kahutia te rangi

primavera  
a força do destino

verão  
o voo de halcion

outono  
estação da baleia cantante

inverno  
canto da baleia, cavaleiro da baleia

epílogo  
a menina do mar

notas do autor

glossário

*Kia hora te marino*  
*Kia whakapapa pounamu te moana*  
*Kia tere te karohirohi*  
*I mua i tou huarahi*

Que a calma se alastre  
Que o oceano brilhe como jade  
Que o esplendor da luz  
Dance para sempre no teu caminho



## Nota do Autor

Há alguns anos, eu vivia em Nova Iorque em um apartamento com vista para o rio Hudson, e minhas filhas, Jessica e Olivia, chegaram de férias da Nova Zelândia. Foi Jessica quem, depois de assistirmos vários filmes, disse: – Papai, por que os garotos são sempre os heróis enquanto as garotas gritam, ‘Me salve, me salve, sou tão indefesa?’

A visita de Jessica e Olívia coincidiu com um evento surpreendente de que muitos nova-iorquinos talvez se lembrem: uma baleia subindo o rio Hudson até o Pier 86, à altura da 12th Avenue e da West 46th Street. Inspirados por ambos eventos, embora estivesse morando ainda em Nova Iorque, escrevi este romance, que se passa na Nova Zelândia, do outro lado do mundo.

Witi Ihimaera, 2003



# Prólogo

A vinda de  
Kahutia Te Rangi



Nos velhos tempos, nos anos que aconteceram antes de nós, a terra e o mar sentiam um grande vazio, um anseio. As montanhas como escadas para o céu, e o luxurriante verde da floresta tropical era um manto ondulado de muitas cores. O céu era iridescente, rodopiando com os movimentos do vento e das nuvens; às vezes refletindo o prisma do arco-íris, às vezes da aurora boreal. O mar, em eterno movimento, reluzia fundindo-se com o céu. Era o poço do fundo do mundo, e quando você olhava para dentro dele sentia como se fosse possível enxergar o fim da eternidade.

Isso não quer dizer que a terra e o mar fossem sem vida, sem vivacidade. O *tuatara*, o antigo lagarto com seu terceiro olho, estava de sentinela, piscando no sol escaldante, vigiando o Leste à espera. Os *moa*, em manadas gigantes sem asas, pastavam pela ilha do Sul. Por dentro da barriga quente da floresta, os *kiwi*, os *weka* e outros pássaros cis-cavam em busca de huhu e outros insetos suculentos. As florestas ressoavam com o estalo das cascas das árvores, a

cantoria das cigarras, o murmúrio dos riachos cheios de peixes. Às vezes a floresta ficava silenciosa repentinamente, e dentro da vegetação molhada ouvia-se a filigrana das risadas dos seres mágicos, como um glissando borbulhante.

O mar também pululava de peixes, mas eles também pareciam estar à espera de algo. Nadavam em brilhantes cardumes como uma chuva de paetês, pelas profundezas de jade – *hapuku, manga, kahawai, tamure, moki* e *warehou* – com o tubarão *mango ururoa* como pastor. Algumas vezes via-se de longe uma branca silhueta voar pelo mar, mas seria só o voo sereno da *tarawhai*, a arraia com o ferrão na cauda.

Esperando. Esperando pela sementeira. Esperando pela dádiva. Esperando pela benção que viria.

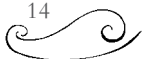
De repente, olhado para a superfície, os peixes começaram a ver as barrigas escuras das canoas vindo do leste. Os primeiros Anciões estavam chegando, em sua viagem do reino insular além do horizonte. Depois de um tempo, as canoas foram vistas voltando para o leste, deixando longas fendas no brilho da superfície. A terra e o mar suspiraram de felicidade:

*Fomos descobertos*

*A notícia está sendo levada de volta para a terra dos Anciões*

*A dádiva virá logo.*

Enquanto aguardavam, a terra e o mar começaram a sentir as pontadas da urgência, que acabasse, enfim, a espera. As florestas soltaram suaves perfumes aos ventos do leste, e



guirlandas de pinheiros *pohutukawa* nas correntes do leste. O mar cintilava com o voo dos peixes voadores, se lançando bem alto para enxergar além do horizonte e serem os primeiros a anunciar o advento; na água rasa os cavalos marinhos camaleões vigiavam em volteios. Os únicos que relutavam era os seres mágicos, que preferiam se refugiar, com suas argentinas risadas, em grutas de cachoeiras cintilantes.

O sol nascia e se punha, nascia e se punha. Até que um dia, no ápice do meio-dia, é feito o primeiro avistamento. Uma espuma no horizonte. Uma silhueta escura surgindo das profundezas de jade do oceano, assustador, leviatã, irrompendo na superfície e se projetando rumo ao céu antes de cair no mar novamente. Debaixo da água, aquele trovão abafado ressoava como uma grande porta abrindo longe, e o mar e a terra tremiam pelo impacto daquele mergulho.

De repente o mar ecoou com um canto deslumbrante, uma canção impregnada de eternidade, uma canção para a terra:

*Vocês chamaram e eu vim,  
trazendo o presente dos Deuses.*

A silhueta escura subindo, subindo novamente. Uma baleia, gigante. Um monstro marinho. No momento em que ele irrompeu do mar, um peixe voador pulando alto em seu êxtase viu água e ar fluindo em espuma trovejante do nobre animal, e soube, ah sim, que era chegada a hora.